



Ano XXV Nº 312 agosto de 2015

95 anos de Genésio Cândido Pereira Filho

Rosani Abou Adal

olaborador do *Lingua* gem Viva desde a fun dação, advogado, jornalista, historiador, escritor e tradutor. Genésio Cândido Pereira Filho nasceu no Dia do Soldado, em 25 de agosto de 1920, em São Bento do Sapucaí (SP).

Filho de Genésio Cândido Pereira, escritor e Juiz do Tribunal de Alçada do Estado de São Paulo, e de Rodolfina Marcondes Pereira. Casou-se, em 1953, com a advogada Maria Aparecida Homem Pereira.

Iniciou os estudos em Mocóca e depois em Jaboticabal. Diplomouse em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1946, na Universidade de São Paulo.

Trabalhou como Procurador Federal, Assistente da Procuradoria Regional de São Paulo, Procurador Regional de Implantação do Amazonas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, Promotor Público Substituto no Estado de São Paulo na Capital e Santos. Foi assistente do professor José Loureiro Júnior no Seminário de Direito Constitucional.

O primeiro jornal que dirigiu foi o Diário de Jaboticabal. da família Junqueira de Ribeirão Preto. Ocupou o cargo de Diretor das revistas Cultura de Jaboticabal, da Arcádia da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, do mensário Mensagem e do programa cultural Hora da Arte. da Rádio Clube de Jaboticabal, em que fazia leitura de poesias. Trabalhou nas rádios PRA-7 de Ribeirão preto e da PRG-4 de Jaboticabal. Exerceu a função de editor responsável da Imprensa Paulista da Associação Paulista de Imprensa. Colaborou nos jornais Gazeta, O Combate, Democrata, Diário de Notícias, Universal, Ilustração Paulista, Diário de Jaboticabal. O Estado de São Paulo, entre outros importantes veículos do Brasil, Argentina, Colômbia e Portugal.



Proprietário da Editorial Guanunby Ltda. que começou no Rio de Janeiro, da Gráfica Tibiriçá - a primeira a usar linotipo - e da Livraria Lealdade Ltda., localizada na esquina da Rua Boa Vista, com a Ladeira Porto Geral, em São Paulo, que teve como proprietário Aluysio Fagundes. Editou livros escolares, de sua autoria, do Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e outros autores

Autor de vasta obra nos gêneros ensaio, crítica, Filosofia Política, Direito Penal, roteiro de viagem, memorial e Direito. Dentre as traduções destacamos, Madame Bovary (Flaubert, 1955, Edições Melhoramentos), No mundo encantado do arco-íris (Roger Dal, 1957, Edições Melhoramentos), Passionata (Kurt Pahlen, 1992, Edições Melhoramentos). Publicou Um tema e três obras (ensaio sobre o plágio, 1942, Edição Panorama), Rui Barbosa para a Juventude (Guanunby, 1950), O Eterno e o Efêmero (filosofia política, 1950, Edições GRD), O Estrangeiro e a Liberdade Política (Direito Penal, Revista dos Tribunais, 1955), Festival da Neve em Bariloche (Roteiro de viagem aos Lagos do Sul, Grupo de Estudos Euclides da Cunha, 1956), Menotti Del Picchia: Uma Obra Rara - A propósito de - O Drama do Calvário (Editoração, 1993), Ser Integralista - Não ser Integralista (Edições Guanunby, 1950), Código de Ética do Estudante (Editorial Guanunby, 1950), Código Civil Brasileiro (Editora Atlas, 1979), entre outras obras.

Participou de congressos, encontros, simpósios, reuniões, proferiu conferências, ministrou cursos de Direito Agrário e prefaciou livros.

Conheceu e foi amigo dos escritores Plínio Salgado - tio, Ribeiro Couto - tio, Maria Amélia Salgado Loureiro - prima, Mário Graciotti que foi casado com sua prima Eugênia Sereno, Cecília Meireles, Menotti Del Picchia, Lenita Miranda de Figueiredo, Mário de Andrade, Freitas Nobre, Paulo Duarte, Monteiro Lobato, Patrícia Galvão, Oswald de Andrade, Hernâni Donato, Alfredo Buzaid, Hélcio Carvalho de Castro, Miguel Reale, Gui-Iherme de Almeida, Paulo Dantas, Raimundo de Menezes, Adriano Campanhole, Yone Stamato, Agripino Grieco, Adriano Nogueira e insignes nomes da Literatura Brasileira.

Ocupou relevantes cargos, dentre os quais o de Tesoureiro e 1º Secretário da Academia Cristã de Letras, 2º Tesoureiro da Academia de Letras de Campos do Jordão, Secretário da Associação Brasileira de Cultura, Vice-Presidente da Associação Brasileira de Estudos Plínio Salgado, Diretor e 1º Vice-Presidente da Associação Paulista de Imprensa, Diretor Jurídico da Casa de Plínio Salgado e de Presidente e 2º Secretário do Centro de Estudos Euclides da Cunha. Foi Conselheiro da União Brasileira de Escritores, do Clube dos Bibliófilos e do Instituto Paulista de Direito Agrário.

Membro Honorário da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, empossado no dia 10 de março de 1945, com a presença de Alceu Amoroso Lima. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Academia Paulistana da História, Unión Cultural Americana - Buenos

Aires/Argentina, Ordem dos Velhos Jornalistas, Sociedade Brasileira de Filosofia, Centro de Cultura de Aceburgo, Academia Anapolitana de Filosofia, Ciências e Letras, Academia Pindamonhangabense de Letras, Literatura e Ensino e outras entidades.

Viajou, fotografou a Antártica e recebeu diploma de Explorador del Continente Helado da Base Chlilena Antártica Teniente Marsh e Ladeco e Línea Aérea Del Cobre S.A., em 12 de outubro de 1984. Suas fotos foram publicadas, na edição nº 311, com os poemas *Antártica* e *Pinguim* de minha autoria.

Agraciado com o Colar do Centenário, comemorativo do centenário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1994; Diploma de Honra ao Mérito da Ordem dos Velhos Jornalistas, em 1991; Láurea de Reconhecimento pelo culto perene ao Direito, à Liberdade e à Justiça, da OAB-SP; Medalha D. Pedro II e diploma do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em comemoração ao centenário de D. Pedro II, em 1994, entre os destacados prêmios.

Agripino Grieco, Almeida Maga-Iñães, Cecília Meireles, Elias Domit, Francisco Marins, Manuel Pereira do Vale, Menotti Del Picchia, Roger Bastide, Francisco Patti, Miguel de Oiacán, Mário Graciotti, Hely Lopes Meirelles, Basileu Garcia, Antonio Ferreira Cesarino Júnior, Homero Dantas, José Galvão de Souza, Freitas Nobre e outros críticos teceram elogiosos comentários sobre

Conheci Genésio Cândido Pereira Filho, em 1987, quando frequentava as reuniões do Centro de Estudos Euclides da Cunha que eram realizadas em seu escritório.

Saudosas as caravanas para a Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo. Ficarão para sempre na lembrança.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. Página 2 - agsoto de 2015

Nosso Pai

Nesta edição prestamos dupla homenagem ao amigo e colaborador Genésio Cândido Pereira Filho, em comemoração ao seu aniversário, em 25 do corrente, e pelo Dia dos Pais ao nosso Pai.

Sem a sua valiosa contribuição de apoio, não teríamos alcançado 25 anos de existência.

Desde a fundação do jornal sempre enviou exemplares para amigos, entidades e escritores.

Foi na edição nº 41, janeiro de 1993, ano IV, que publicou o

primeiro anúncio no indicador profissional. Foram veiculadas 271 publicações, ininterruptas de apoio, até a presente edição.

Autor de vasta obra, escritor, jornalista, editor, advogado, historiador e tradutor, foi agraciado com o *Colar do Centenário*, comemorativo do centenário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1994, com *Diploma de Honra ao Mérito* da Ordem dos Velhos Jornalistas, em 1991, entre outros importantes prêmios.

Na edição nº 46, junho de 1993, ano IV, foi publicado o primeiro artigo de sua autoria intitulado "Até a resistência de um Deus sucumbe à crueldade dos homens" (Considerações sobre uma obra rara de Menotti Del Picchia)

Na edição nº 65, janeiro de 1995, ano VI, editou e publicou encarte no *Linguagem Viva* em comemoração ao centenário do nascimento de Plínio Salgado, uma homenagem do Centro de Estudos Plínio Salgado, divulgando textos e documentos importantes relacionados à obra do homenageado.

Não temos palavras para agradecê-lo. Genésio Cândido Pereira Filho é um dos pais do *Linguagem Viva*, dos leitores, colaboradores, da Literatura e Cultura brasileiras.

Homenageá-lo é pouco diante da sua grandiosa contribuição para as nossas Letras, então deixamos eternos agradecimentos ao dileto amigo - nosso Pai.



Genésio Cândido Pereira Filho

Salomão e sua sabedoria

Raymundo Farias de Oliveira

eus apareceu em sonhos a Salomão ordenando-lhe que pedisse o que fosse de seu agrado, ao que o rei respondeu: "Concede ao teu servo sabedoria suficiente para julgar Teu povo e distinguir o bem do mal."

Como se vê, Salomão não pediu mais um mandato ou dinheiro para mais uma campanha eleitoral. Pediu apenas sabedoria. Sabedoria para julgar o povo. Separar o bem do mal.

Por isso, até hoje, fala-se em "sabedoria salomônica". Ele prolatou uma sentença que ficou famosa pela sua "sabedoria." Foi, também, poeta e teve muitos, muitos amores.

Em meu tempo de vida forense falava-se, nos corredores do foro, em decisões "salomônicas" aludindo-se a algumas sentenças judiciais.

E lá na Bíblia, no Terceiro Livro dos Reis aparece a famosa sentença de Salomão. Duas mulheres públicas apresentaram-se ao rei. A primeira contou que moravam na mesma casa e que deram à luz no mesmo aposento e que não havia mais ninguém na casa. Uma noite, morreu asfixiado o filho de sua colega. Ela – a colega – então trocou seu filho morto pelo filho da queixosa, que dormia quietinho ao seu lado. De manhã, na hora de amamentar, deparou-se com a tragédia.

Discutiram, discutiram e não chegaram a um acordo quanto à filiação do nenê falecido. Salomão ouviu pacientemente as duas mulheres repetirem a história e disse: "Trazei-me cá uma espada. E, sendo trazida uma espada diante do rei, este disse: Dividi em duas partes o menino, que está vivo, e dai a metade a uma, e metade a outra. A mulher, porém, cujo filho estava vivo, disse ao rei (porque as suas entranhas se lhe enterneceram por seu filho) : Senhor, peço-te que dê a ela o menino vivo e não o mates. A outra, pelo contrário, dizia: Não seja nem para mim nem para ti, mas divida-se. Então o rei respondeu e disse: Dai àquela o menino vivo, e não se mate, porque é esta a sua mãe "

A sentença, claro, ficou famosa, a notícia se espalhou em todo o Israel, e, até agora, estamos falando nela e dela.

É uma pena não existir, nos dias de hoje, reis ou rainhas pedindo a Deus sabedoria para fazer justiça ao povo, propiciando confiança, paz, segurança e alegria para todos.

Imaginem Salomão diante do mensalão, Rosegate, petrolão, BNDS e outros "malfeitos" que tanto nos escandalizam nos dias que estamos vivendo. Barbaridade!

Raymundo Farias de Oliveira é escritor e Procurador do Estado aposentado.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - <u>www.linguagemviva.com.br</u> Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000 Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades. Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 70,00

semestral: R\$ 35,00



Tel.: (11) 2693-0392

linguagemviva@linguagemviva.com.br Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000 Página 3 - agosto de 2015

Paulo Ludmer: a escrita da concisão

Angelo Mendes Corrêa e Itamar Santos

Escritor, professor, jornalista, artista plástico, músico e engenheiro, Paulo Ludmer pode, sem nenhum favor, ser definido como um homem múltiplo. Ligado às vanguardas artísticas paulistanas das décadas de 60 e 70, conduziu, por quase duas décadas, uma oficina de escrita ao lado de Carlos Felipe Moisés. Tem 25 livros publicados e na escrita concisa uma busca permanente. No jornalismo, integrou, dentre outras, as equipes do "Pasquim", "Folha de S.Paulo" e "Jornal da Tarde", além de ser um dos maiores especialistas brasileiros sobre questões energéticas.

Pode nos contar um pouco sobre sua formação?

Não fiz o primeiro ano do primário. Precoce, saltei ao segundo. Ganhei de meu pai, quando aprendi a ler, revistas em quadrinhos, tudo da Senhora Leandro Dupré e de Monteiro Lobato. Frequentava, com meu pai, as matinês dominicais de cinema infantil. Ganhei o Tesouro da Juventude que devorei.

No Colégio Estadual de São Paulo, ex-Presidente Roosevelt, depois de ter sido orador da turma de formandos do primário do Grupo Escolar Prudente de Moraes, de onde saí em 1952, tive a dádiva de ser aluno do professor Trevinho, de português, que me apresentou tudo de Machado de Assis, José de Alencar, Bilac, Eça, Camilo Castelo Branco e outros. Também fui premiado pelo convívio, no ginásio, com Carlos Felipe Moisés, poeta e literato, e Decio Bar.

Aos 14 anos escrevi as tonterias da estréia. Aos 17 (nasci em 1944) quis cursar filosofia e direito. A família vetou. Entrei na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Traumatizado, demorei oito anos na Poli, mas ali criamos o Traditional Jazz Band, onde toquei percussão por uns dez anos. Fiz litogravuras na FAAP. Fui ouvinte de Marilena Chauí,na Filosofia da USP. Ingressei na Escola de Comunicações, na USP. Me formei psicodramatista com Marisa Greeb. Realizei várias exposições de pinturas, solo e coletivas. Ganhei prêmios.

Compartilhei um ateliê com José Roberto Aguilar, na rua Frei Caneca. Freqüentei o Embu e perenemente a casa de Fernando Odriozola. Convivi com Claudio Willer, Maninha, Roberto Bicelli, Consuelo de Castro, Piva, Mautner, Hector Bicelli, Consuelo de Castro, Piva, Mautner, Hector Babenco, Marjorie Sonencheim, Placido Campos, Celia Igel, Leila Raw, Jeanete Priolli... enfim, os malditos dos anos 60.

E me tornei jornalista: "Diário do Grande ABC", "Folha de São Paulo", "Jornal da Tarde", "Gazeta Mercantil", "Pasquim" (oito anos, com o pseudônimo de Paulo Silesth) "Mundo Elétrico", "Eletricidade Moderna", "São Paulo Energia", Canal "Energia" e "Diário Comércio Indústria".

Publiquei uns 25 livros, sendo vinte solos. Fui convocado (e aceitei) para ser acadêmico correspondente pela Academia de Letras do Rio de Janeiro (ALERJ), antes tendo conquistado alguns prêmios em concursos diversos.

Lecionei 33 anos na FAAP – Jornalismo Econômico, Problemas Brasileiros, Ética, Antropologia Cultural e Criatividade. Há décadas sou professor de pós graduação nas engenharias da FEI e do Mackenzie. E também Conselheiro de Sociologia, Política e Economia da Fecomércio; de infraestrutura, na Associação Comercial de SP; membro do Comitê Estratégico de Energia da Câmara Americana (Amcham) e o único jornalista brasileiro que freqüenta o Congresso Mundial de Energia, desde 1989.

Dei aulas na London Business School e freqüentei o *board*, em Genebra e Bruxelas, por 20 anos, da International Federation of Industrial Energy Consummers – IFIEC. Em 2006, em Bogotá, fui eleito por unanimidade Secretario Geral da Interame – grandes consumidores de energia da América Latina.

Literariamente, minha formação se deve de modo maciço a Carlos Felipe Moisés, com quem mantivemos uma oficina de escrita durante dezoito anos. Comecei antes disso com Samir Meserani, Ana Salles, Emerson Oliveira e outros. No longevo grupo do Moisés passaram Rodolfo Gutila, Ronaldo Candiani, Vivian Schlesinger, Célia Cardoso de Mello, Maria Antonia Cruz Costa Magalhães, Andre Rosemberg, Tereza Porto, Mauro Hannembeg, Tula Braga, Flávia Cunha Lima, Miriam Mermelstein, Lidia Izekson, numa lista de cinqüenta nomes, vários se tornaram autores.

A dissolução do grupo me abateu bastante, lembrando que ele publicou "Qu4rta feira", coletânea assim chamada porque os encontros se deram por 18 anos e 54 quartas feiras. Anos depois, saiu a "Outra Qu4rta feira", também coletânea do grupo. Sofri também duas cataratas e agora duas distrofias de córnea, à espera de transplantes. Com dificuldade, sigo lendo e escrevendo artigos e poemas.

Que autores vê como essenciais a todos que se dediquem ao ofício da escrita?

Os autores indispensáveis a todos não existem. A pulsão de escrever é uma singularidade. Não posso listar Cervantes, Kafka, Clarice, Pessoa, Borges ou Singer, dos quais gosto. Nem posso me deter na civilização judaico-cristã ao pensar na Ásia.

Há no ato de escrever um disfarçado narcisismo?

No ato de escrever estamos inteiros. Nosso narcisismo, na fração que o temos, comparece com o todo que somos. Não vem disfarçado ou expresso, apenas atua.

Considera quer poesia é predominantemente inspiração ou transpiração?

Poesia surge de inspiração. Em seguida, é muito trabalho. É esculpir uma rocha enorme. É técnica de cinzel. E outras. Acontece de um porre no bar propiciar uma regurgitada poética. Mas a quase totalidade dos poemas vem de trabalho.

Realiza-se mais na prosa ou na poesia? Escritor me realizo quando a forma e o conteúdo superam minha insatisfação e o desejo de mudar. Escrever é reescrever. A taxonomia, se Paulo Ludmer

prosa ou poesia, ou o nome que seja, não me interessa. Pessoalmente, luto muito contra o meu hermetismo. O teor deve adquirir sentido sem fatigar o leitor, às vezes sem roubar dele fragmentos de emoção.

A concisão da linguagem é uma das características mais marcantes de sua escrita. Influência de sua formação nas ciências exatas?

A concisão é um templo em mim. Não sei a razão. Especulo que deriva de impaciência, gosto estético, primado da obsessão sobre a histeria. O Carlos Felipe Moisés aumentou meu apreço pela concisão. O Dalton Trevisan também. É dizer tudo no mínimo. É evitar até uma vírgula gordurosa sobrando.

Seu trabalho de artista plástico dialoga com o escritor?

Não no plano racional.

Seu nome figura como um dos mais destacados especialistas em questões energéticas em nosso país. Algo a dizer sobre a crise que ora enfrentamos?

O lulopetismo destruiu o setor energético brasileiro. Será muito complicado corrigir a demolição consolidada. Escrevi dezenas, centenas de artigos denunciando o que se passava e a desindustrialização que se avizinhava. Envolver é fácil. Comprometer, quase impossível. A sociedade brasileira mal sabe o custo do eventual conserto do que aprontou numa combinação de ignorância e má fé. Meu próximo livro de política energética, intitulado "Hemorragias elétricas", aguarda patrocínio.

Algum balanço a fazer? Planos para este 2015?

Espero recuperar a visão para publicar o "Hemorragias Elétricas", que está pronto atrás de patrocinador. Tenho material suficiente para um novo livro de ficção. O último foi "Fonte", da AGE, em 2007. Mas, creio que em 2015 poderei reler e concluir o produto livro ainda sem nome. Se puder, visite o www.pauloludmer.com.br

Angelo Mendes Corrêa é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo-USP. Itamar Santos é mestrando em Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo - USP. Página 4 - agosto de 2015

VASSOURA

Raquel Naveira

ao pesadas as responsa bilidades domésticas. Varro todos os dias os cantos da casa. A poeira refletida na luz do sol parece um prisma colorido. Encosto as mãos na vassoura. apoio o queixo, fico equilibrada no cabo, vendo a paisagem da janela. Às vezes tenho vontade de chorar, mas logo passa, afinal a varredura é um serviço de culto, que precisa ser executado com mãos puras. Há que se eliminar toda sujeira do chão, toda contaminação vinda de fora. Os movimentos da vassoura devem abençoar os anjos que protegem o lar e afastar hóspedes invisíveis, que trazem brigas e contendas. É tarefa humilde, de pente-fino, a da limpe-

Lembrei-me da parábola da dracma perdida. Uma mulher procura uma moeda perdida. Ela tinha dez moedas, agora são nove. Não se conforma com a perda. A quantia era sua poupança, seu dote. Acende a luz de uma candeia, pega a vassoura e varre diligentemente até achar seu tesouro. Depois, reúne as amigas e vizinhas dizendo que se alegrem com ela, pois achara a moeda.

Pego um livro da estante, "Heroínas da Bíblia na Arte". Lá está a gravura de Millais, o ilustrador inglês: uma mulher com um vestido azul cinzento, véu de algodão na cabeça, segurando de um lado a chama de azeite e do outro a vassoura de palha seca. Atrás, um recorte em arco, as nuvens entre folhagens. Quanta alegria em encontrar o perdido e leva-lo à comunhão no amor.

No sítio, quando éramos criancas, o terreiro era varrido todas as tardes, antes do pôr-do-sol (varrer à noite espanta a felicidade), com uma vassoura semelhante a essa da gravura, de feixes de urzes em flor. Pó abaixado, no lusco-fusco, contávamos as primeiras estrelas. Era comum também colocar a vassoura atrás da porta para que a visita incômoda fosse embora. Acreditávamos que, de madrugada, as bruxas voavam em vassouras. Esse mito tem a ver com viagens astrais, desprendimento do corpo, que fica flutuando como pluma, preso à energia de um fio de prata.

Melhor retornar a outra realidade. Jânio Quadros, professor, advogado, político, presidente do Brasil pelo curto período de sete meses. entre janeiro e agosto de 61, quando renunciou, teve como símbolo de campanha a vassoura. Prometeu varrer tudo: a corrupção, a bandalheira, o abandono do povo. Seu estilo era desajeitado, óculos pretos e sóbrios e, ao mesmo tempo, exibicionista, dramático, demagógico. Quem era afinal Jânio Quadros? Aquele que propôs revoluções, horizontes novos, progresso, democracia? O artífice dos factoides como proibir maiôs em concursos de miss, rinhas de galo e lança-perfume nos carnavais, declarou numa carta que fora acuado por "forças terríveis" levantando-se contra ele, "forças ocultas", talvez escondidas no malefício daquela vassoura.

Amo o poema "Canção do vento e da minha vida", de Manuel Bandeira. Nele o poeta explica que o vento varria as folhas, os frutos, as flores, as luzes, as músicas, os aromas, os sonhos, as amizades, as mulheres, os afetos todos. Que o vento varria os meses, os sorrisos, o tempo. Que o vento varria tudo e que sua vida ficava cada vez mais cheia de tudo. Percebam que o vento não soprava, o vento varria de forma avassaladora. E, quando o vento varre, passamos a possuir eternamente o que perdemos.

Emily Dickinson, a poetisa americana, que escreveu sobre a morte, a imortalidade e a natureza, criou imagens animadas como a "aranha que tece golas elisabetanas, de tufos", "o rato que é esquivo inquilino clandestino" e "a dona de casa que, no crepúsculo, varre o céu com vasouras multicores". Emily sofria de agorafobia, ou seja, tinha pavor de sair de casa, mas, mesmo reclusa, descobria o êxtase de viver na mera consciência de estar vivendo.

Varro todos os dias os cantos da minha casa. É assombrosa ocupação.

Raquel Naveira é escritora, poeta, professora universitária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Pen-Clube do Brasil.

Um livro imperdível: Dicionário Comparado dos Ditos Populares e Provérbios Brasileiros e Chineses

Sonia Sales

Durante dez anos O Sr Lin Chang Chau, com a colaboração da Sra. Li Miao Na, elaborou um extraordinário trabalho de pesquisa sobre os ditos populares e provérbios que fazem parte do vocabulário brasileiro, comparando-os com as mesmas expressões em chinês.

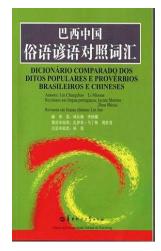
Trabalho árduo para um literato, mas principalmente para um casal de imigrantes, que precisou aprimorar-se no estudo da difícil línqua portuguesa.

Para mim, como admiradora e estudiosa da cultura chinesa há trinta anos, é uma honra e um privilégio falar sobre este magnífico estudo que merece todo o nosso respeito: "Dicionário Comparado dos Ditos Populares, Expressões e Provérbios Brasileiros e Chineses".

Consultando o Dicionário Oxford de provérbios e frases populares (The Oxford Dictionary of Quotations) pude verificar que alguns desses ditos são originários do século XIV, muitos dos séculos XVIII e XIX e existem referências de provérbios até do século V.

Como vieram até nós, brasileiros? Ou melhor, como correram o mundo, pois na distante China, do outro lado da Terra vemos as mesmas expressões? Evidentemente chega-se à conclusão de que nossas diferenças são mais superficiais do que imaginamos. Falamos línguas diferentes, temos costumes diferentes, mas o pensamento é o mesmo. Sim, porque, "A voz do Povo é a voz de Deus".

No momento em que a China e o Brasil se firmam como grandes potências mundiais, dando-se as mãos como nações amigas, muitos brasileiros já estudam a língua chinesa, e alguns colégios no Bra-



sil já têm em seu currículo o estudo do chinês como matéria obrigatória. Percebendo que na China o interesse é recíproco, o "Dicionário Comparado de Ditos Populares" do Sr Lin Chang Chau vem preencher uma lacuna e possibilitar aos estudiosos melhor conhecer as duas civilizações.

Ciente da persistência e da admirável tenacidade do povo chinês, pode-se entender o sacrifício e a coragem do casal Lin em superar todas as sua limitações e dificuldades com o estudo primoroso dos provérbios e ditos populares do Brasil e China. Com 2 mil frases nas duas línguas esta obra gigantesca e pioneira, é única no mundo.

Sonia Sales é Membro Titular da Academia Carioca de Letras, da Academia Luso-Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do PEN Clube do Brasil e da Sociedade Eça de Queiroz -Rio.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Página 5 - agosto de 2015

Partituras do desespero

Ronaldo Cagiano

onheci o trabalho de Marília Arnaud quando ainda vivia em Brasília, onde morei 28 anos e mantinha uma intensa correspondência com escritores de todo o Brasil, época em que descobri, além dos arruídos da mídia monopolista e hegemônica do eixo Rio-São Paulo, poetas, contistas e romancistas do mais alto nível, publicados por pequenas editoras.

Marília Arnaud foi uma dessas gratas surpresas estéticas surgidas, como um oásis, no meio desse deserto de obviedades da literatura e que desafia o cipoal da crítica brasileira nem sempre justa com quem merece, principalmente por ser mais sensível aos apelos da mídia e aos modismos impostos pelo mercado editorial do que verdadeiramente pela qualidade de uma obra ou de um autor.

Em 2005 tive contato com os excelentes contos de "O livro dos afetos" (Ed. 7 Letras), encaminhado pela própria autora, obra que espelhava uma contista extremamente habilidosa na arte narrativa, cujas histórias mapeiam as tensões das relações amorosas, sob a ótica de protagonistas masculinos e femininos, que incursionam pelo território dos sentimentos para escandir a incompletude das relações.

Marília Arnaud, nascida de Campina Grande e radicada em João Pessoa, vem de uma trajetória talentosa e segura. Sua estreia deu-se com uma edição indepen-



dente de "Sentimento marginal" (1987), seguido de duas obras premiadas, "A menina de Cipango" (1994, Prêmio José Vieira de Melo, do Gov. da PB) e "Os campos noturnos do coração" (1997, Prêmio UFPB — Novos Autores Paraibanos).

Recentemente, com "Suíte de silêncios (Ed. Rocco, 2012), Marília premia o leitor com sua incursão pelo romance. Livro que se constrói numa narrativa pungente e vigorosa, em que a linguagem poética segue o rastro das obras anteriores para falar sobre a carga seminal de uma perda e os fantasmas de ausência na vida de Duína Torrealba, personagem que sente os apuros do abandono.

A protagonista experimenta um percurso existencial tumultuado por conflitos e ausências: a mãe que abandonou a família; a relação com a avó, a quem coube educá-la; um pai amargurado e alijado de sua vida; Pedro, o irmão, criatura seduzida por conceitos e teorias, porém superficial e sem espaços para ela; e o abandono do amante. Situações que delinearam a moldura de seus lutos & lutas diante da carência afetiva, das dores e da escuridão impostas pelas contingências de sua vida.

A narrativa é conduzida por um fluxo de memória e sentimento, com uma densidade e carga semântica que apreendem o leitor desde as primeiras linhas. Fala dessa geografia desértica da solidão individual e da insularidade psicológica que afetam a vida de um ser. Destroçada pelo destino compulsório e um passado que fulmina toda esperança, como a sentença inaugural do inferno de Dante, o futuro se encarrega de dar-lhe um retrovisor, por meio do qual tenta compreender o (não) vivido por meio de vozes que se alternam para construir a suíte de sua própria desarmonia. Essa é a metáfora de seu próprio desconcerto íntimo, familiar, (des)humano, uma orquestra em que a melancolia é o tom reverberado pelos instrumentos que sustentam sua angústia visceral, dolorosa e penetrante, definidoras de uma ópera da exclusão afetiva, a impor-lhe um caráter definitivo de concerto para uma vida que poderia ter sido e não foi, na linha do que nos recorda um poema de Bandeira.

O passado é esse mar revolto na vida de Duína, que sendo professora de violino, assiste ao ir e vir dessas ondas que a perturbam, como se fosse uma suíte de procelas. E é nesse oceano de intempéries emocionais que lança âncoras para a travessia ou a (impossível) catarse; e os referenciais musicais estão presentes em toda a obra como num movimento contínuo de elaboração dessa sinfonia inacabada em que se constitui sua própria ruína afetiva . Nesse trajeto é que Duína criança e adulta se digladiam, escrevendo uma espécie de partitura do desespero, quando mesclam seus olhares para um lúcido reconhecimento da permanente angústia indigesta que a percorre desde sempre.

"Suíte de silêncios" consolida a oficina criativa de Marília Arnaud, cuja prosa elaborada, sem piruetas ou contorcionismos verbais, mas cevada num profundo senso de humanidade, sofisticação e rigor estético, firma seu nome entre as melhores vozes da literatura brasileira contemporânea.

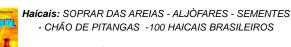
Suíte de Silêncios

Autora: Marília Arnaud Editora Rocco 192 páginas, R\$ 27 ISBN: 987-85-325-2774-5

Ronaldo Cagiano é crítico literário e escritor cataguasense, reside em São Paulo.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO Poemas Devocionais: UM VASO NOVO..





Antologias:

Poemas: Il Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br via telefax: (11)5031-5463 - E-mail:debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Página 6 - agosto de 2015

MADONA

Emanuel Medeiros Vieira

Senhora das horas inconclusas
Senhora do torto parto
do porto inalcançável
Madona da ânsia infinita
vã peregrinação
Senhora do desassossego
Conceda-me o bálsamo do olvido
passagem silenciosa
travessia sem medo
Senhora do inútil tempo – que continua

Sennora do inutil tempo – que continua queimando Senhora da veloz juventude

Madona de todas as velhices
Outorga-me o estatuto da ausência.

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, crítico, poeta, contista, jornalista e advogado. Tem trabalhos traduzidos para o francês, inglês e espanhol.

FALANDO DOS PAIS...

Edson Freire

Segundo a Bíblia, o ho mem chegou primeiro. A Bíblia também diz que o homem surgiu do barro.

Sobre a origem e qualidade desse barro, nada é contado.

O fato é que houve o Criador e, daí, a criatura.

Tal criatura, espécie de filho, recebeu o nome de Adão. Felizardo, esse Adão, pois foi

recebido num local chamado Paraíso.

Não está escrito quanto durou tal felicidade do Adão. Sabese que ele foi ficando triste. O Pai todo poderoso, dono do Eden, previu que o Adão poderia entrar em depressão, já naquele tempo. Então, o diagnosticado mal, por nome de solidão, não foi problema para a divina cura. O remédio estava encostelado no próprio corpo do Adão. Daí, outra criatura do Criagem melhor, pois surgiu de uma costela transformada em mulher.

Por obra e graça divina, com material masculino, aparece a mulher, agora, garantia da felicidade do Adão. Todavia, o divino criador deu uns conselhos para o Adão. Atento, o Adão escutou. Disse o Senhor: "A mulher que você leva, terá por nome Eva.Trate dela com carinho todo dia. Às vezes, vai ser dificil entendê-la e nos seus caprichos, atendê-la, mas, muito mais dificil para vc., depois de conhecêla, - é esquecê-la."

Na vez da Eva, o Criador, em tom machista, assim falou: "Mulher, faça pra o seu homem o que puder, o que souber, mas nunca, jamais, o que você quiser."

Daí, muito tempo passou, muita coisa mudou, pois em verdade, tal conselho para a Eva perdeu a validade. A mulher com suas manhas, carícias, magia, encantamento,- está, cada vez mais, formatando o homem. Dizem, até, que o homem é mais homem, quando tem uma mulher pertinho dele.

Uma mulher ao seu lado. Uma mulher na parceria. Principalmente, uma mulher para proporcionar ao homem a alegria, a grandeza de ser pai!

Edson Freire é escritor, cronista, advogado e professor.

NUMA MANHÃ ASSIM

Caio Porfírio Carneiro

uma manhã assim ela apareceu. Apareceu na porta do bar, onde eu tomava um café, olhou-me tristemente e foi embora. Foi embora, andar vagaroso, olhos no chão. Olhos no chão, não se virou uma única vez. Uma única vez olhou em frente, ajeitou o xale, agasalhou-se melhor no sobretudo. No sobretudo me agasalhei também, que o tempo estava úmido e ninguém atrás dela. Atrás dela apenas eu, que apressava os passos mais e mais. Mais e mais me aproximava dela e dela me emparelhava. Dela me emparelhava e, lado a lado, trocamos olhares. Trocamos olhares longamente, parados. Parados, não tínhamos palavras, só um sussurro: "você", "você". Um beijo triste ela me deu. Um beijo triste eu lhe dei. Olhando para o chão, dobrou à esquerda e se foi com os seus pensamentos. Olhando para o chão, dobrei à direita e fui com os meus pensamentos. Quase uma segunda despedida da parte dela, lembrando a primeira, saudosa e doída. Quase uma segunda despedida minha, lembrando a primeira, saudosa e doída.

Numa manhã assim.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, poeta, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Vênus

Jorge Tufic

Dá-me, Apeles, o sangue dos teus dedos e as cores deste mar, espuma ardente em que Vênus ressoa e se reparte entre deuses e bichos, céus e terras, para que a louve, prostituta imensa feita de orgasmo e sol. Pombos e cisnes a conduzem nos braços da Volúpia onde ela exerce, pleno, o seu domínio. Mas, de repente, queda-se cativa de um mortal como Adônis. Tão completa me parece esta deusa que seu brilho tem, sobre nós, a calma perspectiva de uma fúria saciada: um simples nome que a eternidade rútila consome.

Jorge Tufic é poeta, escritor, jornalista e membro da Academia Amazonense de Letras.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64 São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589 Página 7 - agosto de 2015

Notícias de Piracicaba

Evaldo Vicente, escritor, jornalista, diretor do jornal A Tribuna Piracicabana e Segundo Secretário da Academia Piracicabana de Letras, será homenageado pelo Sarau Literário Piracicabano, no dia 18 de agosto, terça-feira, às 19h30 horas, no Museu da Esalq-USP, em Piracicaba.

Também será homenageado o escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade. O Sarau é coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino.

Piracicaba em Recortes, exposição de poemas dos integrantes do Centro Literário de Piracicaba ins-

pirados em ilustrações e aquarelas de Denise Storer, em comemoração ao aniversário da cidade de Piracicaba, será realizada de 6 a 28 de agosto, na Sala Da Vinci do Centro Cultural Martha Watts, Rua Boa Morte, 1257, em Piracicaba.

Evaldo Vicente

Os poetas participantes são Aracy Duarte Ferrari, Carmen Pilotto, Elda Nympha Cobra Silveira, Irineu Volpato, Ivana Maria França de Negri, João Baptista S. N. Athayde, Leda Coletti, Lídia Sendin, Lourdinha Piedade Sodero Martins, Maria Madalena T. de Carvalho Silveira, Raquel Deljave, Ruth C. L. Assumção e Silvia Oliveira.

Concursos

XXIV Concurso Nacional de Poesias Augusto dos Anjos, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Leopoldina e Academia Leopoldinense de Letras e Artes, com o objetivo de homenagear e valorizar a memória do poeta Augusto dos Anjos, está com inscrições abertas até o dia 10 de setembro.

Os interessados poderão inscrever até dois poemas inéditos, com no máximo duas páginas, com tema livre, em cinco vias, fonte Arial, tamanho 12, papel A4, orientação retrato, impresso em apenas uma das faces do papel. É obrigatório o uso de pseudônimo.

Premiação: Os cinco melhores poemas receberão R\$ 1.500,00, R\$ 1.000,00, R\$ 800,00, R\$ 500,00 e R\$ 300,00.

Os três melhores Intérpretes das poesias finalistas receberão em 1º Lugar, R\$ 500,00; em 2º, R\$ 300,00; e em 3º, R\$ 100,00.

Informações:Tel.: (32) 3441-4555. academialeopoldinense@gmail.com - espaçodosanjos.leopoldina@gmail.com Regulamento e ficha de inscrição: academialeopoldinensealla.blogspot.com.br/
Prêmio SESC de Contos Machado de Assis, promovido pelo Ser-

Prêmio SESC de Contos Machado de Assis, promovido pelo Serviço Social do Comércio – Administração Regional no Distrito Federal – Sesc/AR/DF, está com inscrições abertas até o dia 30 de novembro.

Os interessados poderão inscrever até dois contos inéditos e não publicados, com tema livre, em seis vias, papel A4, sem ilustrações, impressos numa só face do papel, com no máximo oito páginas digitadas no Word, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento duplo.

É obrigatório o uso de pseudônimo e envio de CD contendo o conto inscrito, foto e biografía do autor com até 10 linhas. Os contos devem conter elementos que promovam o bem-estar e os valores morais.

Premiação: Os 15 contos selecionados serão publicados em coletânea. Os três primeiros colocados receberão R\$ 2.000,00, R\$ 1.500,00 e R\$ 1.000.00.

Ficha de inscrição e regulamento: www.sescdf.com.br. Informações: Tels.: 0800-617617 e (61) 3217-9124.

Livros

O Tribunal, romance de Álvaro Alves de Faria, Editora LetraSelvagem, Taubaté, SP, 88 páginas.

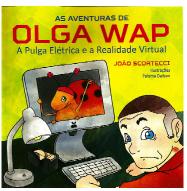
O autor é escritor, poeta, ensaísta, jornalista e Mestre em Comunicação Social. Foi agraciado com o *Prêmio Governador do Estado de São Paulo, Pen Clube Internacional de São Paulo*, em 1973, *Prêmio Jabuti* da Câmara Brasileira do Livro, com o *Prêmio Especial* da Associação Paulista de Críticos de Arte, entre outras importantes láureas.

A obra foi publicada em primeira edição em 1971.

Segundo Lygia Fagundes Telles, "Novela? Romance? Um texto diferente, estranhíssimo, num tom confessional mas sem cair nunca no monótono, no banal. Perplexidade. Busca e fuga num enrodilhado de

perguntas e respostas, as palavras tão palpitantes e sob a pele das palavras, as ideias pulsando como um coração no fundo de cada uma. Prosa poética no seu mais alto sentido, sem concessão alguma. Sem desfalecimento."

LetraSelvagem: www.letraselvagem.com.br



As Aventuras de OLGA WAP - A pulga Elétrica e a Realidade Virtual, infantojuvenil de João Scortecci, Scortecci Editora, selo da *Pingo de Letra*, São Paulo, 60 páginas, R\$ 30,00. As ilustrações são de Paloma Dalbon.

O autor é escritor, poeta, editor e membro do GEDIGI e do GE-EDITORIAL da Associação Brasileira da Indústria Gráfica. Exerceu os cargos de Conselheiro de Humanidades da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura, Diretor da União Brasileira de Escritores e de Vice-Presidente Administrativo e

Financeiro da Câmara Brasileira do Livro.

A obra, publicada na década de 1990, foi reescrita para a nova edição. Olga Wap é uma pulga disfarçada de joaninha que se arrisca em uma missão secreta, em estado de metamorfose virtual, sob o comando do Universo Estelar Central.

Livraria Asabeça: www.asabeca.com.br



Página 8 - agosto de 2015



João Scortecci

A Scortecci realizou evento comemorativo de aniversário de 33 anos da editora, no dia 15 de agosto, no Espaço Scortecci, Rua Deputado Lacerda Franco, 96, em São Paulo. A Scortecci Editora, fundada por João Ricardo Scortecci de Paula, em 13 de agosto de 1982, foi especializada em pequenas tiragens. Depois se transformou no Grupo Editorial Scortecci que abriga a Livraria Asbeça com livraria e loja virtual, o portal Amigos do Livro, o Portal do Escritor, a Gráfica Scortecci Digital - em parceira com a Canon do Brasil -, a Escola do Escritor, o selo Pingo de Letra que é destinado à publicação de livros infantis, e o projeto Fábrica de Livros para impressão sob demanda ou em pequenas tiragens. O Grupo Editorial Scortecci, dirigido pelo escritor, poeta e editor João Scortecci, também tem parceria com o Portal Concurso e Prêmios Literários e com a REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras -, que é presidida por Joyce Cavalcante. www.scortecci.com.br

A Fundação Dorina Nowill editou 5.000 exemplares do dicioná-

O Programa Haroldo de Campos de incentivo à pesquisa e à tradução, da Casa das Rosas -Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, está com inscrições abertas até 31 de agosto. http://www.casadasrosas.org.br/

Notícias

Vera Stefanov, presidente do Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo, representou a entidade no 38º Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação no Maranhão, realizado de 20 a 23 de julho. Stefanov conclamou a categoria para a valorização da profissão em todo o território nacional e proferiu palestra com o tema "Formação política, reflexões éticas, práticas de transformação social e mídias na informação: qual profissional temos e qual queremos ser?"

Nélida Piñon, membro da Academia Brasileira de Letras, lançou edição comemorativa de 30 anos do romance *A República dos Sonhos*, pela Editora Record.

Raquel Naveira ministrou o curso "Poetas de França...", na Casa Guilherme de Almeida, nos dias 31 de julho e 1 de agosto, sobre a poesia francesa na estética do de tradutor Guilherme de Almeida.

O Dicionário Comparado de Ditos Populares e Provérbios Brasileiros e Chineses, de Lin Changchao e Limiaona, que reúne 2.000 ditos populares, levou 10 anos para ser concluído. Os prefácios são do sinólogo Jayme Martins, do Embaixador Chen Duqing e de Sonia Sales.

Marilzes Petroni participa do livro Anuario Latinoamericano de Las Artes Plasticas, que reúne trabalhos de 136 artistas plásticos de nove países latinos. Sandro Corradin, Inos Corradin, Olimpio Franco, Marilzes Petroni e Barão Digo Tertschitsch são alguns dos artistas brasileiros que foram inseridos na 18ª edição da obra.

Susani Śilveira Lemos França lançou Mulheres dos outros: Os viajantes cristãos nas terras a oriente (séculos XII-XV), pela Editora Unesp.

Nilda Neves realiza a exposição individual *uma fábula bahiana* até o dia 31 de agosto, nas galerias la minima e Mezanino, Av. Predroso de Moraes, 822, em São Paulo.

A 17ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, que será realizada de 3 a 13 de setembro, no Riocentro, terá a Argentina como país homenageado. Renata Di Nizo, especialista em estudos de grupos e da relação entre indivíduos, lançou Equipes solidárias — Por que em grupo e não sozinho?, pela Summus Editorial.

A Saraiva lançou plataforma de audiolivros digitais, via streaming, em parceria com o Ubook, que funcionará no modelo de assinaturas.

Emanuel Medeiros Vieira está com os poemas Emigrados, Homem diante do Mar e Exílio publicados no site do Antonio Miranda, diretor da representação de Brasília da Fundação Biblioteca Nacional. www.antoniomiranda.com.br/poesia brasis/santa catarina/emanuel medeiros vieira.html

Paulo Nathanael Pereira de Souza, presidente da Academia Paulista de Educação e membro da Academia Paulista de Letras, lançou Histórias que a história não conta, pela Miró Editorial. A obra reúne ensaios provenientes de conferências, leituras e pesquisas.

Deia Leal, escritora, artista plástica e uma das criadoras da aldravia, realizará a exposição Aldravinturas, de 4 a 23 de setembro, no Espaço Cultural do Superior Tribunal de Justiça, SAFS, Quadra 6, Lote 01, Trecho III, em Brasília.

Canto Livro no show O Sertão na Canção, com músicas inspiradas no romance Grande Sertão Veredas de João Guimarães Rosa, com as participações de Jean Garfunkel (violão), Joana Garfunkel (voz) e Pratinha Saraiva (flautas e bandolim) e Arranjos de Natan Marques, será apresentado no dia 19 de julho, quarta-feira, às 21 horas, no Tatu Bar e Palco, Rua Alves Guimarães, 153, em São Paulo.



Nicolau Sevcenko, escritor falecido em 13 de agosto de 2014, professor, historiador e membro do Center for Latin American Cultural Studies do King's College da Universidade de Londres, foi homenageado pelo Departamento de História da FFLCH da USP no dia 13 de agosto. Na ocasião foi inaugurado o Anfiteatro Nicolau Sevcenko. O evento contou com a presença de Cristina Carletti -esposa do homenageado-, mestres, professores, orientadores, alunos e funcionários.

A Editora LETRASELVAGEM lançou Poeira e Escuridão, de João Batista de Andrade, O Tribunal, de Álvaro Alves de Faria, e Os Vira-Latas da Madrugada, de Adelto Gonçalves, no dia 18 de agosto, às 19h30, na Casa das Rosas, Av. Paulista, 37, em São Paulo.

Alice Spíndola, Cláudio Murilo Leal, Salgado Maranhão, Silviano Santiago, Rita Moutinho, Miriam Halfim, Clauder Arcanjo, Claufe Rodrigues, Alfredo Pérez Alencart e Luiz Poeta estão entre os laureados dos prêmios da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. Em 2015 os nomes dos prêmios são dos fundadores da UBE-RJ. A escolha dos trabalhos foi feita por Stella Leonardos, Luiz Gondim de Araújo Lins e Margarida Finkel.

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos) Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br